

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar *campus* SOROCABA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO – DCHE**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**



**O PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE AS ESPECIFICIDADES DO  
DOCENTE MASCULINO NAS RELAÇÕES EM SALA DE AULA**  
**José Carlos de Campos Junior**

**SOROCABA**

**2020**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar *campus* SOROCABA**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS & EDUCAÇÃO – DCHE**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**



**O PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE AS ESPECIFICIDADES DO  
DOCENTE MASCULINO NAS RELAÇÕES EM SALA DE AULA**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de Ciências Humanas e Educação da  
Universidade Federal de São Carlos, campus  
Sorocaba, para obtenção do grau de licenciado em  
Pedagogia, pelo aluno: José Carlos de Campos  
Junior**

**Orientação: Prof. Izabella Mendes Sant'Ana**

**SOROCABA**

**2020**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Campos Jr., José Carlos

O professor na Educação Infantil: uma revisão bibliográfica sobre as especificidades do docente masculino nas relações em sala de aula/ José Carlos de Campos Junior/ 2020.

47f: 30 cm

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientadora: Profa. Dra. Izabella Mendes Sant'Ana

Banca examinadora: Profa. Ms. Profa. Dra. Teresa Cristina Leança Soares Alves e Profa. Ms. Ana Carolina Medeiros Gatto Vieira Carvalho

Bibliografia

1. Educação Infantil. 2. Papeis de Gênero. 3. Revisão Bibliográfica. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática

(SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano – CRB/8 697

# FOLHA DE APROVAÇÃO

**JOSÉ CARLOS DE CAMPOS JUNIOR**

**O PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE AS ESPECIFICIDADES DO DOCENTE  
MASCULINO NAS RELAÇÕES EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do grau de licenciada no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal de São Carlos *campus Sorocaba*

Sorocaba, 26 de outubro de 2020.

Orientador (a): \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Izabella Mendes Sant'Ana

Examinador (a): \_\_\_\_\_

Profa. Ms. Profa. Dra. Teresa Cristina Leança Soares Alves

Examinador (a): \_\_\_\_\_

Profa. Ms. Ana Carolina Medeiros Gatto Vieira Carvalho

## DEDICATÓRIA

*“Dedico esse trabalho de conclusão de curso, a todos os docentes masculinos que lecionam na educação infantil, responsáveis pela formação da criança, desejo responsabilidade, coerência, vontade em fazer a diferença. Que possa servir de inspiração para todas as suas práticas e que as crianças sejam as protagonistas do ensino infantil e serem o estímulo para práticas transformadoras”.*

## AGRADECIMENTOS

O sentimento de gratidão é um dos mais preciosos que existem, que além de revelar o que a de mais belo em nossos corações ela permite valorizar o percurso até o presente momento. Inicialmente gostaria de agradecer a Deus, que me permite estar vivo, que me inspira, que me fortalece, que me nutre de esperança, sabedoria e foi determinante para eu não desistir da graduação. Gostaria de dedicar aos meus avós já falecidos que pela humildade, amor, luta, conseguiram constituir uma família unida, afinal de contas valorizar nossa história é retribuir um pouco do que fizeram por mim: Vó Izolete, Vô Chico e Vó Darcy.

Aos meus familiares que como uma árvore com galhos, crescem em diferentes direções, mas que tem a mesma raiz, o mesmo compromisso com o viver, minha mãe Oleriana por vir me buscar no ponto todo final de aula, ao meu pai José pelos ensinamentos diários, pelo meu irmão Luiz com a infinita paciência, meu avô Francisco me estimula, me fortalece e me motiva e minha tia Zélia que me acolhe com sua digna simplicidade.

Aos meus colegas de turma da Pedagogia 014, que sempre tiveram uma enorme benevolência comigo, com minha tagarelice e meu jeito afoito de ser, em especial: Helena, Leticia, Ananda Gomes, Tatiane, Thais e aos que pelas circunstâncias da vida acabaram desistindo da graduação Regiane, Catarina e Jair. É preciso salientar os apontamentos, as forcinhas que algumas pessoas me deram na execução do TCC, em diferentes áreas, com conhecimentos distintos, pessoas que de alguma forma incentivaram e deixaram marcas positivas na jornada acadêmica ou fora dela: Denise Paes, Bruno Camargo, Claudio Plens, Cezar Ferragi, Laura Marcelli, Caique Corcovia, Camila Giacon, Alessandro Ferreira, Fernanda Keila, e Celso Pêsoa.

A minha orientadora Izabella Mendes Sant'Ana por me conduzir na elaboração desse trabalho acadêmico, sendo paciente com minha constante enrolação, com apontamentos significativos, observações e incentivo. É necessário fazer o reconhecimento de Angelita Pandita que acompanhou a composição inicial desse trabalho, além de excelente "pitacos" dos professores ao qual eu nutro um carinho especial: Marcos Francisco, Lucia Lombardi e Fernanda Roveri.

Eu percebi que mesmo falando de docente masculino eu tenho que enaltecer às mulheres, não só por uma dívida histórica, mas pelas lutas que abrem o caminho para a discussão do “machismo” que é tóxico e estabelece essa conjuntura de profissões por gênero. A todas as minorias ao qual me incluo, eu desejo que o tempo possa fazer justiça e reconheçam a nossa força: a comunidade LGBTQI+. Mesmo não sendo o meu local de fala gostaria de destacar também a luta racial e da batalha das pessoas com deficiência pela inclusão.

Aos meus bons amigos, que nunca me deixaram, afinal de contas quando eu mais preciso sempre tem uma palavra sábia para me dar conforto, em relevância na minha vida, nos momentos mais difíceis que exigiam um suporte, eles estavam ali, lado a lado ou separados pela distância, amigos sempre estarão conectados pelo coração: Luana Ferreira, Monique Ferraz, Wilian Duarte, Bruno Bonvecchio, Daliel Dias, Felipe Mendes, Glauber Queiroz e Marcos Amaral. Gostaria de evidenciar um carinho especial aos meus professores do infantil, do fundamental em suas etapas e do médio, do técnico, dos colegas de teatro, dos colegas da banda marcial, dos locais aos quais eu já trabalhei (lan house e loja de calçados), enfatizando a prefeitura e o posto de saúde. Finalmente terminei para a felicidade geral de: Keli, Karine, Adriele, Thalissa, Juarez, Elias Felipe (meu querido ex-chefe) e sua esposa Carol, minha atual chefe a batalhadora Daniela e seu marido Junior, sem contar de todo o apoio da Camila Honorio Santos e do encantador Leonardo Costa.

Obrigado aos cursinhos comunitários que me ajudaram na inserção para a universidade pública: Ler & Transformar (Salto de Pirapora) e Gerabixo Unesp (Sorocaba). Ao meu tempo como estagiário na Educação onde por dois anos me possibilitou a vivencia na minha profissão, pude ver de perto a realidade da educação pública e o quanto nossa ação transforma a realidade das crianças e de toda comunidade escolar, aos diretores, professores, a secretaria, aos motoristas, inspetores, serviços gerais, coordenação, aos pais dos alunos e principalmente aos alunos, destaco as escolas: Jana Marum, Pracidio, Célia e Primavera, ressaltando os seguintes trabalhos: na coordenação: Magdalena, Cris, Junior e Roberta; as professoras: Margarete, Claudia, Ester, Aline, Maria Eugenia, dentro tantos outros que moram no meu coração.

Destaco a importância da minha psicóloga Ruth Guimarães, que acompanhou minhas idas e vindas com o TCC e conseguiu manter a minha sanidade mental com êxito, além do pessoal da minha academia onde pude cuidar da minha saúde, através de uma didática mais humanizada. A todas as minhas desilusões amorosas, desencontros, expectativas frustradas por graças a esses enredos me tornei um ser humano mais forte.

Para finalizar gostaria de fazer um agradecimento especial a mim, que não desisti do sonho da docência, sempre levantando, sacudindo a poeira e dando a volta por cima; que entendeu que não é o TCC que vai definir o que eu fui enquanto estudante no curso de pedagogia, mas as memórias, as relações, os estudos, o senso crítico, a vontade de fazer diferente, a empatia que ficaram marcadas e serão cruciais na minha atuação enquanto docente masculino na educação.

#### **EPÍGRAFE**

*“As rosas da resistência nascem no asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando de nossa existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas”.*

Marielle Franco (1979-2018)

**PRESENTE!**

## RESUMO

CAMPOS JR, José Carlos. *“O professor na educação infantil – Uma revisão bibliográfica sobre as especificidades do docente masculino nas relações em sala de aula”*. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC (Graduação). Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba, 2020.

Este estudo visa investigar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, o que a literatura científica tem investigado e apontado sobre a presença do docente masculino na Educação Infantil. Para isso, foi feito um levantamento na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e foram selecionadas dez pesquisas: Bonifácio (2019), Silva (2014), Souza (2017), Aguiar (2017), Silva (2015), Pereira (2012), Gomides (2014), Ruis (2015), Moreno (2017) e Mendonça (2016) contemplam diferentes aspectos da inserção desse profissional, tais como: relatos, experiências, identidade e profissionalidade da docência. Em termos gerais, foi possível identificar nos trabalhos analisados aspectos semelhantes, que tem início na ideia da feminização do magistério e na existência de uma sociedade onde as perspectivas hegemônicas de gênero prevalecem e se perpetuam na escola, assim como na existência de estranhamento e desconfiança em relação à presença e à atuação do docente masculino na Educação Infantil. Entende-se que a participação do professor (homem) nesse campo é fundamental para se lutar pela ruptura dos padrões de comportamento sexistas e de estigmas que ainda permeiam o imaginário social quanto à atuação desse profissional no trabalho junto a crianças pequenas. Nota-se assim, a importância da reflexão e do debate na escola em uma tentativa de se buscar estratégias que superem percepções preconceituosas sobre a presença do docente masculino nesse nível de ensino.

**Palavras-chaves:** educação infantil, docente masculino, papéis de gênero.

## ABSTRACT

CAMPOS JR, José Carlos. "The teacher in early childhood education - A bibliographic review on the specificities of male teachers in classroom relationships". 2020. Course Conclusion Paper - Final Course (Undergraduate). Full Licentiate Degree in Pedagogy, Federal University of São Carlos campus Sorocaba, 2020.

This study aims to investigate, through a bibliographic search, what the scientific literature has investigated and pointed out about the presence of the male teacher in Early Childhood Education. For this, a survey was made at the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) and ten researches were selected: Bonifácio (2019), Silva (2014), Souza (2017), Aguiar (2017), Silva (2015), Pereira (2012), Gomides (2014), Ruis (2015), Moreno (2017) and Mendonça (2016) contemplate different aspects of the insertion of this professional, such as: reports, experiences, identity and professionalism of teaching. In general terms, it was possible to identify in the analyzed works similar aspects that start with the idea of the feminization of teaching and the existence of a society where the hegemonic perspectives of gender prevail and are perpetuated in school, as well as the existence of strangeness and distrust in relation to the presence and performance of the male teacher in Early Childhood Education. It is understood that the participation of the teacher (man) in this field is fundamental to fight for the rupture of the sexist behavior patterns and stigmas that still permeate the social imaginary regarding the performance of this professional in the work with young children. Thus, it is noted the importance of reflection and debate at school to seek strategies that overcome prejudiced perceptions about the presence of male teachers at this level of education.

**Keywords:** child education, male teacher, gender roles.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ANPED** – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
- BDTD** – Biblioteca Digital Brasileira de Teses & Dissertações
- CD** – Compact Disc (Disco Compacto)
- CEI** – Centro Educacional de Educação Infantil (CEI's – Centros...)
- CNPQ** – Conselho Nacional de Pesquisa, que atualmente é chamado de Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
- COPEDI** – Congresso Paulista de Educação Infantil
- DCHE** – Departamento de Ciências Humanas & Educação
- DF** – Distrito Federal
- DM** – Docente Masculino
- DMEI** – Docente Masculino na Educação Infantil
- DTI** – Diretoria de Tecnologia da Informação
- EI** – Educação Infantil
- ED** – Edição
- FCC** – Fundação Carlos Chagas
- HISTEDBR** – História, Sociedade & Educação no Brasil
- LGBTQI+** – Lesbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros (travestis e transexuais), Queers, Intersexuais, + (assexuais, pansexuais)
- MEC** – Ministério da Educação
- ORG** – Organização (Orgs. Organizações)
- PIBIC** – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
- PUC** – Pontífice Universidade Católica
- SEB** – Secretária de Educação Básica
- SME** – Secretária Municipal de Educação
- SP** – São Paulo
- TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso
- UEM** – Universidade Estadual do Maringá
- UFSC** – Universidade Federal de Santa Catarina
- UFSCar** – Universidade Federal de São Carlos
- UFV** – Universidade Federal de Viçosa
- UNICAMP** – Universidade Estadual de Campinas
- USP** – Universidade Estadual de São Paulo
- WEA** – Warner, Elektra e Atlantic

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

<b>QUADRO 1</b> – Mecanismos e Instituições de atendimento e/ou Ensino direcionadas à criança.....	16
<b>IMAGEM 1</b> – Rodas dos Expostos (1845).....	17
<b>QUADRO 2</b> – Estudos identificados na pesquisa bibliográfica.....	30

## SUMÁRIO

Apresentação.....	14
Introdução: O atendimento educacional a infância: um breve histórico.....	15
Políticas ou Diretrizes na Educação Infantil: Alguns Apontamentos.....	19
O Docente Masculino na Educação Infantil: Observações Iniciais.....	23
Percursos Metodológicos.....	27
Resultados e Discussões.....	32
Considerações Finais.....	38
Referências.....	40

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho visa investigar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, o que a literatura científica tem investigado e apontado sobre a presença do docente masculino na Educação Infantil.

A escolha do tema deve-se ao fato que, durante a licenciatura, presenciei algumas situações que me fizeram repensar se estava escolhendo a profissão correta, porque o estigma que um homem não é capaz de cuidar de uma criança com o mesmo desempenho que uma mulher, o olhar de suspeita que as pessoas a volta (adultos) tem da conduta de um profissional de educação infantil é relativamente maior do que em relação a uma mulher. Ademais, a construção social do que um homem deve ser (masculino, viril) e quais profissões deve desempenhar (atividades de comando, força braçal, engenharia); são percepções construídas socialmente no tempo histórico e espaço social.

A escolha da docência tem um viés da formação de indivíduos que possam ser críticos, preparados para encarar as diferenças e as adversidades da vida com maior preparo, equilíbrio e consciência do respeito ao plural, portanto é papel do professor educar para o desenvolvimento integral do indivíduo, logo a escolha do professor na educação infantil, área pelo qual almejo exercer, sabendo dos inúmeros obstáculos que possam aparecer durante minha jornada profissional, tem caráter de luta pela transformação e emancipação do indivíduo, utilizando de referências bibliográficas para dar embasamento e atenuar as diferenças que um homem tenha em lecionar para as crianças, porque é notório que surgirão situações a serem superadas, mas que sejam discutidas e repensadas para garantir a efetividade do cargo pelo qual sonho ocupar.

## INTRODUÇÃO

### O ATENDIMENTO EDUCACIONAL À INFÂNCIA: UM BREVE HISTÓRICO

Com os estudos de Ariés (1986), a percepção da infância, período de desenvolvimento do ser humano que vai do nascimento até a adolescência, sofreu inúmeras transformações conforme o tempo e o espaço de cada época vigente. Inicialmente, no século XIII, entendia-se a criança como um “mini adulto”, ao estabelecer um período da infância que o indivíduo não está “pronto” e que deve ser estimulado pelo adulto, assim, foi necessário prepará-lo para as demandas da vida adulta e os conhecimentos da família não seriam suficientes para torná-lo cidadão. Ao longo da História, ocorreu uma mudança acerca da percepção da criança (mini-adulto para especificidades próprias), pois hoje se entende que criança faz uma leitura de mundo diferente do adulto, incorpora conhecimentos e age conforme sua realidade.

Considerando os diversos contextos históricos, políticos, econômicos e sociais é possível compreender de que forma a educação infantil era entendida e como ela foi se modificando na mesma proporção que o capitalismo foi ampliando seu domínio e influenciando valores e costumes na sociedade.

Na Europa, a Revolução Industrial fez com que aumentasse a absorção do trabalho feminino (mão de obra barata) pelas indústrias, o que alterou drasticamente a forma da família cuidar e educar seus filhos. Para Paschoal e Machado (2009):

O nascimento da indústria moderna alterou profundamente a estrutura social vigente, modificando os hábitos e costumes das famílias. As mães operárias que não tinham com quem deixar seus filhos, utilizavam o trabalho das conhecidas mães mercenárias. Essas, ao optarem pelo não trabalho nas fábricas, vendiam seus serviços para abrigarem e cuidarem dos filhos de outras mulheres. (PASCHOAL e MACHADO, 2009, p. 80)

O aumento da participação dos pais operários nas fábricas, fundições e minas de carvão fez com que as crianças precisassem de um atendimento integral e novos arranjos foram se configurando: as mulheres cuidavam das crianças delas e de outras mulheres na mesma situação. Organizados por mulheres da própria comunidade que não possuíam nenhum tipo de instrução formal, o atendimento às crianças era voltado a atividades de memorização (rezas), bons hábitos de comportamento e trabalhos “voluntários”. Vale ressaltar que crianças que não ficavam nesse atendimento acompanhavam os pais na fábrica, realizando algum trabalho neste espaço (PASCHOAL E MACHADO, 2009).

A frequência com que a violência física acontecia (usada como forma de educar, por volta do século XVII) despertou em algumas pessoas a vontade de acolher as crianças “abandonadas”, isto é, abandono no sentido de ação efetiva do Estado. Tal atitude recebeu o apoio da sociedade a fim de ver as ruas limpas dos “marginais” (crianças em vulnerabilidade social) e das imundices provocadas pelos mesmos. Nessa perspectiva, as primeiras instituições na Europa e Estados Unidos foram criadas e tinham como objetivo assistencialista de guarda, higiene, alimentação e cuidados físicos das crianças, enquanto as mães trabalhavam nas fábricas (DIDONET, 2001, apud PASCHOAL e MACHADO, 2009).

Neste sentido, o quadro abaixo apresenta uma síntese sobre os mecanismos e instituições de atendimento e/ou ensino destinadas as crianças, surgidas em diferentes lugares no mundo, com finalidades distintas e público-alvo diferente, de acordo com seus contextos específicos, a saber:

**QUADRO 1- Mecanismos e Instituições de atendimento e/ou Ensino direcionadas à criança**

<b>Mecanismos e Instituições de atendimento e/ou Ensino direcionadas à criança</b>	<b>Funcionalidade/característica</b>
Roda dos Expostos (1498, em Portugal) Irmandades da Misericórdia (vinculado à Igreja Católica com apoio do Estado)	Lugar onde as crianças indesejadas eram deixadas em rodas, ninguém sabia da identidade dos pais e ficavam sob os cuidados da abrigos.
Escola Infantil (1816, na Escócia) Fundador: Robert Owen	Organizado em três níveis: 3 a 6 anos, 6 a 10 anos, 10 a 20 anos.
Jardim de Infância (1840, na Alemanha) Fundador: Friedrich Froebel	Único com viés pedagógico além do assistencialismo.
Casa dei Bambini (1907, na Inglaterra) Fundador: Maria Montessori	Atendidos crianças pobres de um bairro operário.
Infantário (1913, na Inglaterra) Fundadores: Margaret McMillan & Raquel)	Creche ao ar livre em Londres.

**Fonte** - Gonçalves (2019), Monografia Brasil Escola.

Com o intuito de atender as demandas das camadas populares, a roda dos expostos ou dos excluídos consistia em um dispositivo onde se colocavam os bebês abandonados em forma de cilindro, dividida por uma divisória e fixado nas instituições, casas de misericórdia, ligadas à filantropia, podendo ter caráter religioso ou não, a criança era colocada por sua genitora ou algum familiar, puxava uma corda para avisar a rodeira que tinha um bebê abandonado naquele local, retirando para os cuidados da instituição, podendo posteriormente ser adotado e preservando a identidade de quem o abandonou.

### IMAGEM 1- Rodas dos Expostos (1845)



Fonte - Thomas Ewbank (séc. XIX)

Com o contínuo abandono de crianças nas rodas, surgiu um movimento para extinguir esse mecanismo. Conforme ressalta Marcilio (2003):

Em meados do século XIX, seguindo os rumos da Europa liberal, que fundava cada vez mais a sua fé no progresso contínuo, na ordem e na ciência, começou forte campanha para abolição da roda dos expostos. Essa passou a ser considerada imoral e contra os interesses do Estado. Aqui no Brasil, igualmente iniciou-se movimento para sua extinção. Ele partiu inicialmente dos médicos higienistas, horrorizados com os altíssimos níveis de mortalidade reinantes dentro das casas dos expostos. Vidas úteis estavam sendo perdidas para o Estado. Mas o movimento insere-se também na onda pela melhoria da raça humana, levantada com base nas teorias evolucionistas, pelos eugenistas. Os esforços para extinguir as rodas no país tiveram a adesão dos juristas, que começavam a pensar em novas leis para proteger a criança abandonada e para corrigir a questão social que começava a perturbar a sociedade: a da adolescência infratora. Por sua vez os homens de letras apontavam em romances sociais a imoralidade da roda. (MARCILIO, 2003, p. 66).

Posteriormente, no século XIX, surgiram as creches e jardins de infância. O Jardim de Infância (*Kindergarten*) foi criado em 1840, em Blankenbur, por Friedrich

Froebel, e tinha como perspectiva a criança como um “gérmen” (embrião) plantas de um jardim, cujo jardineiro era o professor, necessitando de cuidados e proteção para se desenvolverem. O objetivo era transformar não só a estrutura educacional, mas a família de modo que conseguisse cuidar melhor de seus filhos, havendo também um caráter assistencialista, porém, se reconhecia a criança como capaz de adquirir conhecimentos próprios e não um ser inacabado (PASCHOAL E MACHADO, 2009).

No Brasil, em meados do século XIX, a creche foi criada com o intuito assistencialista, o que a diferenciou de outras instituições que foram criadas para fins pedagógicos. É preciso salientar que existe uma diferença entre creche e jardim de infância: a primeira tem a finalidade do cuidar, abrigar, educar respondendo as especificidades da infância de 0 a 3 anos já o jardim de infância ou pré-escola tem as mesmas finalidades, porém com a faixa etária de 4 a 6 anos. <sup>1</sup>

Com o avanço da industrialização o aumento das mulheres no mercado de trabalho aumentou a demanda por instituições de ensino voltadas à criança.

Em face às necessidades das mães trabalhadoras, Facchini (2018) apresenta a ideia de que as instituições deveriam atender todas as mães independente da necessidade de trabalho ou não (pós-revolução industrial), aumentando o número de instituições mantidas e geridas pelo poder público.

As lutas por melhores condições de vida para as mulheres sempre tiveram que conjugar, por um lado, a ideia de desigualdades entre homens e mulheres que são percebidas em diferentes épocas e lugares, e que sugeriam falar em opressão ou exploração das mulheres pelos homens; e, por outro, a pluralidade dos modos como essa opressão ou exploração se dava a partir das diferentes formas em que era vivida em diferentes épocas e lugares, e a partir das múltiplas possibilidades contextuais de articulação entre gênero e outras diferenças sociais, como as que se relacionam a questões de classe, raça, sexualidade, etnia, regionalidade, nacionalidade, entre outras. (FACCHINI, 2018, p. 40)

Nesse trecho fica evidente que as mulheres estão em desvantagem com relação ao homem e que isso foi uma construção social que está enraizado na maioria das diversas culturas, portanto, pensar em gênero e na luta pela mulher para ocupar um espaço, perpassa pelo direito adquirido pelo feminismo a vagas em creches. A partir da redemocratização, estabeleceu-se um movimento favorável para a discussão a respeito das condições das mulheres, principalmente as mulheres negras e pobres que trabalhando precisavam de um lugar para deixarem seus filhos, atendendo aos interesses do capitalismo em garantir mão de obra.

---

<sup>1</sup> Informações obtidas no site do MEC. <<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-basica/publicacoes?id=12579:educacao-infantil>>.

Paschoal e Machado (2009) ressaltam a importância do movimento feminista para a mudança de enfoque nas instituições de ensino para crianças, a saber:

Os movimentos feministas que partiram dos Estados Unidos tiveram papel especial na revisão do significado das instituições de atendimento à criança, porque as feministas mudaram seu enfoque, defendendo a ideia de que tanto as creches como as pré-escolas deveriam atender a todas as mulheres, independente da sua necessidade de trabalho ou condição econômica. O resultado desse movimento culminou no aumento do número de instituições mantidas e geridas pelo poder público. Essas instituições ganharam enfoque diferente, passando a ser reivindicadas como um direito de todas as mulheres trabalhadoras e era baseado no movimento da teoria da privação cultural. Essa teoria, defendida tanto nos Estados Unidos na década de sessenta como no Brasil já em meados de 1970, considerava que o atendimento à criança pequena fora do lar possibilitaria a superação das precárias condições sociais a que ela estava sujeita. Era a defesa de uma educação compensatória. (PASCHOAL e MACHADO, 2009, p. 84, apud HADDAD, 1993)

O resultado desse movimento nos Estados Unidos culminou no aumento de instituições mantidas e geradas pelo poder público, afinal todas as mulheres deveriam ser beneficiadas por uma educação de qualidade para os filhos, independentemente na necessidade de trabalho ou condição socioeconômica.

É preciso entender que, diante dessas mudanças na sociedade estadunidense e para responder a essas novas demandas, a sociedade brasileira se “inspirou” nessa realidade e foi preciso um respaldo legal para garantir o direito à educação para as crianças. Isto posto, passemos a abordar as políticas voltadas à educação infantil dando ênfase para as finalidades e principais diretrizes desse nível de ensino.

### **POLÍTICAS OU DIRETRIZES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ALGUNS APONTAMENTOS**

Sabendo que legislação de um estado democrático de direito é originária de um processo que constrói leis baseado em fatos, decisões políticas, sociais, econômicas que possui valor jurídico, em âmbito nacional. Entendendo que os três poderes: legislativo (elabora as leis), executivo (efetiva as leis), judiciário (faz cumprir as leis) e como essas instituições se relacionam à educação, pode-se identificar, nessa breve síntese, que a educação e/ou a educação infantil são focalizadas na legislação da seguinte maneira:

- Constituição Federal de 1988: Efetivação do direito da criança em estudar;
- Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990: Diretrizes pedagógicas para expandir os recursos sejam humanos ou qualidade de atendimento;

- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996: Inseriu a educação infantil como primeira etapa da educação básica, promovendo o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade e sua inserção na sociedade;
- Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil de 1998: Definindo os objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais que atuam nessa modalidade de ensino;
- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 1998: Direcionar obrigatoriamente os encaminhamentos pedagógicos para as esferas municipais e estaduais;
- Plano Nacional da Educação de 2001: Estabeleceu metas para todas as modalidades de ensino até 2010, que ainda não foram concluídas.

Dentre os documentos sinalizados, destaca-se as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 1998”, pois este documento traz importantes orientações sobre a organização da educação infantil. Para Carvalho (2015), este documento:

Possibilita depreender que se procura, por meio do documento legal, promover e garantir a existência de um currículo que rompa com o assistencialismo, distancie-se da escolarização e seja promotor das relações das crianças consigo mesmas, com seus pares, com os adultos e com o mundo. Em tal perspectiva, nas diretrizes, palavras como aula, aluno, ensino, escola e conteúdo são interditas no vocabulário curricular, por serem entendidas pelos especialistas da área (cujos estudos se sustentam na Sociologia da Infância e na Pedagogia Italiana) como integrantes de uma concepção escolarizante da infância. (CARVALHO, 2015, p. 467)

A partir dessas orientações, entende-se o saber da criança torna-se o ponto de partida para as discussões em sala, determinando modos, aprofundando significados, estabelecendo deveres, estratégias, o que deve ser dito e não dito pelo docente, reforçando o caráter “salvacionista” da educação, sendo profissionais do tempo presente questionando a todo momento a funcionalidade destes e procurando superar os obstáculos para uma educação que de fato modifique a realidade vigente.

O papel da educação infantil na sociedade brasileira, e suas diferenças no atendimento, sob a perspectiva Lara e Shimada (2005) é visto como:

Na prática a educação infantil se caracteriza segundo o público que atende, para a classe pobre são “ofertadas” as instituições públicas que sofrem inúmeras adversidades: profissionais pouco qualificados, turmas numerosas sem atendente ou auxiliar, pais e mães subalternos e distantes da vida escolar não conscientes dos direitos da criança, que reconhecem a “creche” como um favor, essas instituições são caracterizadas como assistencialistas ou compensatórias. No entanto, as instituições particulares na sua maioria tomam para si o caráter pedagógico, e se caracterizam por profissionais de

nível superior ou em formação, salas com poucos alunos e com auxiliar e pais e mães participativos, que estão atentos para exigir a todo o momento da escola. (LARA e SHIMADA, 2005, p. 4).

Apesar dessas diferenças, pode-se refletir que a educação infantil deve contemplar todas as potencialidades da criança, num ambiente pensado para ela, superando o caráter assistencialista. Segundo Moura, Gonçalves e Lima (2011):

Torna-se fundamental a existência da educação infantil à medida que tem o caráter de complementar à educação recebida da família. Caso a criança em casa não tenha acesso a uma aprendizagem "adequada", conseqüentemente caberá a ela construir a partir das possibilidades que lhe é disponível. Assim, cabe a escola assumir um lugar onde a criança se desenvolva, proporcionando apoio e estímulos indispensáveis a cada fase da vida. (MOURA, GONÇALVES e LIMA, 2011, p. 4)

Embora exista uma legislação que garante o direito da criança à educação, o acesso das crianças e a qualidade do atendimento na educação infantil ainda não é uma realidade para todas as crianças brasileiras. Além disso, de acordo com Paschoal e Machado (2009), pode-se destacar alguns problemas, tais como: inadequação do espaço físico, insuficiência do tamanho do espaço físico, equipamentos e materiais pedagógicos inadequados, a repartição entre cuidar e educar, currículos e propostas pedagógicas incongruentes. Esses aspectos devem ser superados pelas políticas públicas a fim de propiciar uma melhor qualidade desse atendimento, considerando-se também a importância de uma gestão democrática nas instituições educacionais.

Diante dessas considerações, o papel da educação infantil necessita abranger o saber da criança e a partir dele apresentar o mundo a sua volta, possibilitando a criticidade, a brincadeira e o faz de conta, como recursos que darão substancialidade para os aprendizados. Conforme expõe Lara e Shimada (2005), a educação deveria desenvolver as potencialidades humanas e buscar favorecer o desenvolvimento global do aluno.

A organização da Educação Infantil se dá por meio da creche de 0 a 3 anos e da pré-escola entre 4 até quase seis anos (com seis anos a criança é inserida no 1º ano do ensino fundamental I). O educar e o cuidar são os pilares de uma educação infantil que de fato seja significativa para a criança, portanto, o professor é aquele profissional que irá desenvolver suas potencialidades e capacidades. Deste modo, pedagogos são mediadores para as relações de ensino-aprendizagem, em um espaço e tempo que possa contribuir significativamente para o desenvolvimento infantil, pensando no mesmo como condutor para as crianças desenvolverem seus próprios saberes.

Além disso, segundo Oliveira (2010), os objetivos gerais e a função sociopolítica e pedagógica das instituições de educação infantil são oferecer condições para que as crianças aproveitem seus direitos, que a responsabilidade da educação e o cuidado seja dividido com as famílias, e que as trocas de conhecimento entre crianças e adultos considerem as potencialidades do ser criança e da sua lógica. Segundo a autora, também é preciso promover oportunidades de aprendizado da maneira mais igualitária possível entre as crianças de classes sociais distintas, acesso a bens culturais de maneira coletiva, construir valores subjetivos e relações sociais que possibilitem a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade, rompendo com as relações de dominação do adulto sobre as crianças, reconhecendo suas inquietações e permitindo um olhar sobre o mundo que nos cerca e suas variantes econômica, étnico-racial, gênero, regional, cultural, global, linguística e religiosa.

Oliveira (2010) aponta, ainda, que a educação infantil não deve adotar um caráter escolarizante em seu currículo e defende que:

O currículo busca articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico da sociedade por meio de práticas planejadas e permanentemente avaliadas que estruturam o cotidiano das instituições. Esta definição de currículo foge de versões já superadas de conceber listas de conteúdos obrigatórios, ou disciplinas estanques, de pensar que na Educação infantil não há necessidade de qualquer planejamento de atividades, de reger as atividades por um calendário voltado a comemorar determinadas datas sem avaliar o sentido e o valor formativo dessas comemorações, e também da ideia de que o saber do senso comum é o que deve ser tratado com crianças pequenas. (OLIVEIRA, 2010, p. 04).

Considerando os objetivos e o papel da Educação Infantil, Paschoal e Machado (2009) ressaltam algumas necessidades à realização de uma educação de qualidade, tais como: recursos financeiros, universalização do atendimento, formação inicial e continuada do professor, projeto político pedagógico que reconheça a criança com suas especificidades, trabalho coletivo entre todos os agentes da escola e comunidade, organização do trabalho pedagógico, espaço físico e materiais adequados, acolhimento que proporcione segurança, psicológica e inclusão com responsabilidade, assim como a articulação entre ensino infantil e anos iniciais do fundamental.

Essas dimensões são importantes, aliadas ao compromisso do docente em prol da educação, na medida em que sua prática visa educar e cuidar, reconhecendo o ser criança como ser humano em desenvolvimento e promovendo possibilidades de aprendizagens e interação social.

O próximo tópico se refere ao papel do docente masculino no contexto da educação infantil.

## **O DOCENTE MASCULINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OBSERVAÇÕES INICIAIS**

No Brasil, a presença de mulheres no magistério do ensino primário se deu inicialmente no século XIX, onde as escolas de improviso (lugares adaptados para abrigar aulas), abrem as possibilidades para mulheres brancas (das classes médias) participarem de maneira modesta na economia, além de ser uma das oportunidades de as mulheres prosseguirem seus estudos além do primário (Vianna, 2013). A expansão do ensino público primário, as intensas alterações demográficas, sociais, políticas e culturais, fizeram o homem ocupar lugares na indústria e as profissões femininas (ligadas ao cuidar) levaram a mulher à docência; onde, em geral, a remuneração é mais baixa.

Para Oliveira (2010), o professor é o profissional responsável por educar, não só a partir dos conhecimentos teóricos, mas também sociais, contribuindo para que o aluno possa raciocinar, problematizar e criar soluções na vida em sociedade. Assim, a atuação docente necessita olhar a infância como uma etapa da vida humana caracterizada pela construção dos valores, pela crescente relação da criança com o mundo (usando vários meios, incluindo a ludicidade) e, a partir disso, desenvolver propostas didáticas conscientes a fim de favorecer o desenvolvimento psicossocial e promover a autonomia do indivíduo.

No caso da docência, especialmente para as crianças pequenas, verifica-se que este ainda é um papel predominantemente feminino. Com relação à feminização do magistério, entende-se o conceito a partir da perspectiva de Yannoulas (2011) e sua diferenciação com feminilização:

Um significado quantitativo que optamos por denominar de feminilização: refere-se ao aumento do peso relativo do sexo feminino na composição de uma profissão ou ocupação; sua mensuração e análise realizam-se por meio de dados estatísticos e um significado qualitativo que denominaremos feminização que alude às transformações de significado e valor social de uma profissão ou ocupação, originadas a partir da feminilização ou aumento quantitativo e vinculadas à concepção de gênero predominante em uma época. (p. 271)

O processo de feminização do magistério se originou com as transformações da economia, onde as mulheres adentraram as fábricas e necessitavam que suas crianças fossem cuidadas para produzirem melhor (criação das creches). Dos jesuítas e da catequização dos índios, até a entrada das mulheres como alunas e professoras, tudo foi

acontecendo de maneira gradativa, sendo reforçados os costumes conservadores da época.

Segundo Rocha (2012), inicialmente, o trabalho na creche foi uma alternativa para as mulheres que antes não trabalhavam fora de casa. A presença masculina nesse espaço considerado feminino é um choque de diversas formas de pensamentos considerando as condições de gênero, as relações entre os indivíduos, e as concepções sobre o cuidar/educar das crianças.

A partir desse dinamismo das relações humanas, é necessário consideramos que a presença do docente masculino na educação infantil provoca em um primeiro momento um estranhamento, uma vez que esse lugar é historicamente ocupado pela mulher. Tal situação aponta para a importância de um olhar que vise superar preconceitos e alimenta discussões para se entender a contribuição do docente masculino no processo educacional na sociedade contemporânea.

Historicamente, a sociedade ocidental adotou um modelo patriarcal. Isso significa que a configuração das famílias se encontra baseada hierarquicamente no homem como provedor, e a mulher como mãe, cuidadora ou empregada, embora existam diferentes configurações sociais e familiares em várias culturas. Gagliotto (2009), se pautando em Engels, enfatiza em relação ao contexto da sociedade patriarcal, do surgimento e a relação com a propriedade privada.

Engels (1982), em sua obra *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, ensina que, nos primórdios da civilização, segundo as teorias, as atividades sexuais eram livres entre homens e mulheres e isentas de caráter de promiscuidade. Os filhos descendiam da linhagem materna, pois só se sabia com certeza quem era a mãe, e os grupos familiares formavam os clãs. Essa forma de relacionamento livre foi transformando-se com o passar do tempo, em consequência do acúmulo de bens nos clãs, dando origem às primeiras propriedades privadas. Com essa nova forma de organização social, o relacionamento sexual passou a ser atividade exercida por um casal, para que seus filhos legítimos pudessem herdar os bens desse clã. Os casamentos foram tornando-se monogâmicos e as famílias organizaram-se dentro do sistema patriarcal, com linhagem sangüínea paterna. Nessa organização familiar, o sexo tinha como objetivo a reprodução; as mulheres eram submissas e fiéis sexualmente aos seus maridos, enquanto os homens normalmente tinham relações sexuais extra-conjugais. (GAGLIOTTO, 2009, p. 22)

Ao se relacionar esse aspecto à atuação do docente masculino é importante destacar que a visão da sociedade patriarcal ainda relaciona à prática educacional, em especial na educação infantil, como um lócus essencialmente feminino, uma visão que entende que apenas a mulher deve ser a cuidadora/educadora das crianças. Assim, não raramente, evidencia-se uma visão preconceituosa sobre esse profissional assumir os

cuidados das crianças (como por exemplo, em trocas de roupa e higiene), que nega ou desconsidera a possibilidade de sua atuação junto às crianças pequenas.

Para Ramos (2011), no campo da Educação Infantil, a inserção dos docentes masculinos se deu após a consolidação do cargo através da estabilidade de concurso público. Sayão (2005) aponta que existe um ritual de passagem para o docente masculino, que envolveria a avaliação deste professor para provar suas habilidades pedagógicas e de cuidado (com relação ao olhar atento e de desconfiança sobre este profissional considerando uma possível violência sexual dirigida às crianças).

Campos (1991) destaca ainda que o docente masculino pode ter sua condição sexual questionada (visto como homossexual), além de ser alvo de desconfiança e preconceitos, especialmente quanto aos cuidados e ao contato com o corpo na relação entre a criança e esse profissional.

No âmbito legal, é possível visualizar algumas contradições no tocante às concepções sobre educação e gênero. No documento “Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil (Brasil, 2006), referente à questão de gênero, há menção sobre a importância de uma educação inclusiva e não sexista, incorporando a perspectiva de gênero, raça, etnia e orientação sexual na metodologia educacional formal e informal, tendo em vista uma sociedade mais democrática e oportunizando trabalho para homens e mulheres. Outro documento denominado “Indicadores de Qualidade na Educação Infantil Paulistana” (São Paulo, 2015), explicita que o Projeto Político Pedagógico da escola deve contemplar o combate ao racismo, discriminação de gênero para uma visão progressista de educação, deste modo: “Os educadores e educadoras oportunizam aos meninos, vivências em que se fantasiem, assumam papéis de cuidar do outro, limpar e organizar o espaço coletivo em contraposição à ideia machista” (São Paulo, 2015a, p.62). Deste modo, apesar da existência de perspectivas de igualdade de gênero e ruptura com ideias sexistas no campo educacional, podem ser evidenciados muitos desafios em relação a uma ampla aceitação do docente masculino nas escolas, em especial no contexto da Educação Infantil.

Em termos legais acerca dessa temática, mais recentemente no estado de São Paulo, surge o Projeto de lei nº 1174/2019 que confere aos profissionais do sexo feminino a exclusividade nos cuidados íntimos com crianças na Educação infantil, reforçando os estereótipos atribuídos ao gênero. Esse projeto de lei estabelece que:

**Artigo 1º** - Na Educação Infantil, os cuidados íntimos com as crianças, com destaque para banhos, trocas de fraldas e roupas, bem como auxílio para usar o banheiro, serão realizados exclusivamente por profissionais do sexo feminino.

**Artigo 2º** - As atividades pedagógicas e aquelas que não impliquem cuidado íntimo com as crianças poderão ser desempenhadas por profissionais de ambos os sexos.

**Artigo 3º** -. Os profissionais do sexo masculino que, na data da publicação desta lei, forem responsáveis pelos cuidados íntimos com as crianças serão reaproveitados em outras atividades compatíveis com o cargo que ocupam, sem sofrer prejuízos em sua remuneração.

**Artigo 4º** - No Ensino Fundamental I, quando necessitarem de auxílio para usar o banheiro, as crianças serão acompanhadas exclusivamente por profissionais do sexo feminino.

**Artigo 5º** - O disposto nesta lei também se aplica aos cuidadores das crianças com necessidades especiais.

**Artigo 6º** - Esta lei entra em vigor na data da publicação.

A partir desse documento oficial, pode-se apontar algumas inconsistências, tais como: a) considerar todo profissional do sexo masculino como um possível transgressor, não levando em conta que não é o sexo biológico que define caráter, e b) reforçar que só a mulher pode cuidar da intimidade infantil como algo de “dom natural” e o homem como não capaz, fazendo o mesmo ocupar cargos mais relacionados com seu papel social histórico de chefe ou provedor. Cabe também salientar que os cuidados íntimos entre professor e aluno nessa etapa de vida são importantes para criar um laço entre o mesmo, pois nesse momento o professor estabelece confiança e vínculo.

De acordo com Bonifácio (2019), os atravessamentos da masculinidade no âmbito da sociedade e no educacional, como tange as imposições do ser homem, são entendidos como:

Temos como figura referencial para a sociedade este patriarca, o patriarca feudal. É este homem o detentor do poder, é este homem que é chamado para pôr ordem na sala de aula. E muitas mulheres as escolas reforçam esta ideia simplesmente chamando os docentes masculinos efetivamente demonstrarem esse poder ao chamar a atenção dos alunos. (BONIFÁCIO, 2019, p. 54)

Em pleno século XXI, considera-se inadmissível que existam pensamentos tão preconceituosos que reforçam crenças que homens são incapazes de lecionar para crianças, assim como mulheres são incapazes de trabalhar em serviços vistos como masculinos, como por exemplo, os da construção civil.

Frente a essas considerações, o tópico seguinte apresenta o percurso metodológico adotado no estudo a fim de conhecer, por meio de uma pesquisa bibliográfica, o que a literatura científica na área da Educação Infantil tem investigado e apontado sobre o papel do docente masculino neste nível de ensino.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

Considerando as discussões sobre a presença do docente masculino na educação infantil, neste trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica, em uma base de dados, visando conhecer o que a literatura científica na área da Educação Infantil tem focalizado sobre o tema.

A revisão bibliográfica ou revisão de literatura é realizada a partir de livros, teses, dissertações e de artigos científicos. Esse tipo de pesquisa propicia ao pesquisador uma perspectiva mais ampla acerca dos fenômenos elencados em sua produção científica (GIL, 2008).

Este estudo foi realizado a partir da adaptação das sete etapas de desenvolvimento referentes ao modelo de revisão bibliográfica expostas com base nos estudos de Rother (2007), sendo elas:

*1. Formulação da pergunta:* a revisão sistemática se inicia a partir de uma questão a ser respondida.

A pergunta que orientou a pesquisa foi: “De que forma os trabalhos abordam a presença do docente masculino na educação infantil?”. Partindo desta questão, realizou-se um levantamento dos trabalhos que abordam essa temática no período que compreende os anos de 2010 a 2020 com o intuito de responder a esta indagação.

*2. Localização dos estudos:* considerando que a revisão sistemática envolve a utilização de diversas fontes de busca, estas devem ser evidenciadas para fins de localização e identificação dos trabalhos empregados na pesquisa.

Esse levantamento foi realizado no primeiro semestre de 2020, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), empregando-se as palavras-chave “docente” “masculino” e “educação infantil”. Primeiramente, utilizou-se a palavra

*docente* (sujeito que exerce a docência), *masculino* (para evidenciar o professor, diferente da professora), e *educação infantil* (nível de ensino foco da pesquisa).

Por meio do uso de todas as palavras-chave (usando AND entre as palavras) foram encontrados 31 trabalhos na BDTD. Vale ressaltar que se estabeleceu como recorte por período para a coleta dos trabalhos os últimos dez anos, isto é, de 2010 a 2020 e com produções relativas à área da Educação, em programas de Pós-graduação em Educação.

### 3. *Avaliação dos estudos*: critérios de seleção para os estudos utilizados na revisão.

A análise foi realizada a partir da leitura dos títulos dos trabalhos encontrados e, no caso de esses não possuírem qualquer relação com a temática docente masculino na educação infantil, o estudo era excluído e não se dava prosseguimento à leitura do resumo. Por outro lado, se o título apresentado apresentasse relação com a temática estudada, era feita a leitura do resumo e se tivesse correspondência, os trabalhos eram lidos na íntegra.

Assim, dos 31 trabalhos inicialmente identificados, foram excluídos 21 em virtude dos estudos abordarem focos diferentes do escopo desta pesquisa, envolvendo temas distantes, como por exemplo, atuação docente em zona rural, em nível superior e questões de gênero e infância, profissional não docente masculino da Educação Infantil, bem como estudos não vinculados a programas da área da Educação.

### 4. *Coleta de dados*: a literatura selecionada deve ter observada todas suas variáveis, sendo os textos estudados e resumidos, além disso, devem ser consideradas as características da metodologia, dos participantes e conclusões.

Os trabalhos foram lidos e foram expostos de forma resumida no que se refere às características relativas aos objetivos, a metodologia e considerações finais, propiciando desta maneira uma visualização das informações presentes nos estudos elencados.

### 5. *Análise e apresentação dos dados*: os trabalhos selecionados devem ser associados de com base em aspectos semelhantes e feitos agrupamentos.

A partir da análise de acordo com seus objetivos, metodologias e conclusões, foi possível evidenciar semelhanças presentes nas pesquisas selecionadas, o que possibilitou a indicação de aproximações, segundo essas correspondências. Deste modo, foram elaboradas breves descrições sobre cada estudo elencado para esta revisão a fim de permitir uma visualização das informações obtidas. Com base na leitura e análise das

produções acadêmicas identificadas na revisão bibliográfica, foram ressaltadas as especificidades das pesquisas em relação ao tipo de método ou análise realizada, segundo as informações obtidas nos trabalhos.

6. *Interpretação dos dados*: etapa onde se analisa os limites e a possibilidades das pesquisas elencadas e a aplicabilidade dos resultados.

Após a identificação da bibliografia, houve a análise referente ao que os trabalhos acadêmicos dos últimos dez anos traziam a respeito da presença do docente masculino na educação infantil e, assim, pôde-se refletir de forma crítica sobre a importância de tratar a temática para a compreensão de aspectos relacionadas ao exercício da docência pelo professor.

7. *Aprimoramento e atualização da revisão*: a revisão é dinâmica e, após sua publicação, está aberta para receber sugestões e críticas e pode ser ampliada, com a inserção de novos estudos aos seus resultados, em edições posteriores.

Neste sentido, espera-se que esta pesquisa colabore com outros estudos da área de educação, contribuindo com novas revisões bibliográficas sobre a temática aqui focalizada.

Para Gomes e Caminha (2014), os resultados da revisão sistemática podem ser exibidos na forma de conclusão, análise ou síntese. Neste estudo, foi realizada uma meta-análise caracterizada como um procedimento metodológico que busca sintetizar uma determinada quantidade de conclusões em um determinado campo de pesquisa (FIGUEIREDO *et. al*, 2014).

Isto posto, apresenta-se no Quadro 2 as pesquisas selecionadas, considerando o tipo de pesquisa de cada estudo. Nota-se que a totalidade dos trabalhos se referem a dissertações de Mestrado produzidas em Programas de Pós-graduação de várias regiões do país.

**QUADRO 2: Estudos identificados na pesquisa bibliográfica**

1	PEREIRA, Maria Artete Bastos. <b>Professor homem na educação infantil: a construção de uma identidade.</b> 2012. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2012.	Pesquisa qualitativa/ Histórias de vida Referenciais estudos de gênero
2	SILVA, Peterson Rigato da. <b>Não sou tio, nem pai, sou professor!: a docência masculina na educação infantil.</b> 2014. 222f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.	Pesquisa qualitativa Perspectiva etnográfica
3	GOMIDES, Wagner Luiz Tavares. <b>Transitando na fronteira: a inserção de homens na docência da Educação Infantil.</b> 2014. 79 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014.	Pesquisa qualitativa Referenciais estudos de gênero
4	SILVA, Bruno Leonardo Bezerra da. <b>A presença de homens docentes na educação infantil: lugares (des)ocupados.</b> 2015. 107f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.	Pesquisa qualitativa Perspectiva da multi-referencialidade
5	RUIS, Fernanda Ferrari. <b>Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil: um entrelaçamento de vozes.</b> 2015. 224f. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2015.	Pesquisa qualitativa Referenciais estudos de gênero

6	<p>MENDONÇA, Michelle Mariano. <b>Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de educação infantil: alguns elementos para compreensão.</b> 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, 2016.</p>	<p>Pesquisa qualitativa do tipo analítico-descritiva Referenciais estudos de gênero</p>
7	<p>MORENO, Rodrigo Ruan Merat. <b>Professores homens na educação infantil do município do Rio de Janeiro: vozes, experiências, memórias e histórias.</b> 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.</p>	<p>Pesquisa qualitativa/ Histórias de vida Referenciais estudos de gênero</p>
8	<p>AGUIAR Júnior, Josué Durval. <b>Professores de bebês: elementos para compreensão da docência masculina na educação infantil.</b> 2017. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.</p>	<p>Pesquisa de natureza quali-quantitativa; Referenciais estudos de gênero</p>
9	<p>SOUZA, Fernando Santos. <b>A construção da profissionalidade docente do pedagogo do gênero masculino iniciante/ingressante na educação infantil e na alfabetização.</b> 2017. 208f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.</p>	<p>Pesquisa qualitativa Materialismo histórico-dialético</p>

10	<b>BONIFÁCIO, Gabriel Hengstemberg. A profissionalização do docente masculino da Educação infantil: inserção, estabilidade e atravessamentos.</b> 2019. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2019.	Revisão de literatura Formato multipaper
----	--	---

FONTE- O Autor (2020)

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta parte são apresentadas as dez pesquisas identificadas no Quadro 2, a partir dos objetivos, métodos, resultados/análise e conclusões expostas pelos autores.

O estudo de Bonifácio (2019), intitulado “**A profissionalização do docente masculino da Educação infantil: inserção, estabilidade e atravessamentos**”, se configura como uma pesquisa de revisão e visa abordar as potencialidades e fragilidades da profissionalização do docente masculino que atua na Educação Infantil. A partir da realização de um mapeamento de pesquisas brasileiras em duas bases de dados (BDTD e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES), a análise do autor se pautou nas 17 produções identificadas sobre o tema. Os resultados obtidos na pesquisa indicam que existe um número reduzido de pesquisas sobre o tema na literatura científica e que se evidencia uma ampla configuração de dimensões sociais, históricas e culturais que permeiam a análise da profissionalização do docente masculino. Nas considerações finais é apontado que ainda há preconceito em relação ao docente masculino nas escolas de educação infantil, mecanismos de segregação, de atenção e de monitoramento aos exercícios dos cuidados corporais das crianças e que há a necessidade de ações dos órgãos oficiais para acolher e orientar esse profissional na rede de ensino e de propostas para a conscientização sobre o papel desse professor na escola. Vale ressaltar que o estudo é organizado em formato *multipaper*, sendo que no primeiro artigo é apresentado o mapeamento das pesquisas acadêmicas acerca do docente masculino na Educação Infantil e, no segundo artigo, é focalizada a inserção desse profissional em um cenário eminente feminino, onde são discutidos os desafios e as possibilidades de sua atuação.

Silva (2014), no estudo denominado de “**Não sou tio, nem pai, sou professor!: a docência masculina na educação infantil**”, busca identificar como se manifestam as relações de gênero e poder nos espaços e tempos em pré-escolas públicas em situações de homens na docência. Participaram deste estudo dois professores, sendo um brasileiro

e outro italiano, e como procedimentos foram usados diários de campo, entrevistas e fotografias a fim de se conhecer as relações entre os professores e as crianças, bem como entre os professores e adultos presentes na comunidade escolar. Os resultados obtidos indicam que os processos de normatização e padronização dos modos de ser professor e professora reproduzem a divisão sexual do trabalho na sociedade contemporânea, e que isso também se evidencia na relação entre meninos e meninas, a partir da ideologia capitalista. Ademais, é apontada a preocupação com o educar e cuidar, o receio em atribuir o cuidado ao docente masculino pautado na desconfiança de possível situação de violência sexual. O trabalho discute a existência do modelo binário entre homem e mulher, havendo a presença de desigualdades de gênero na análise das relações existentes na escola. A autora conclui que é necessário considerar a construção de uma pedagogia na Educação Infantil que supere modelos sexistas, discriminatórios e opressores em prol de uma visão emancipatória, que espreite as produções e as culturas infantis.

O trabalho de Souza (2017), sob o título **“A construção da profissionalidade docente do pedagogo do gênero masculino iniciante/ingressante na educação infantil e na alfabetização”**, objetiva investigar os elementos que constituem a construção da profissionalidade docente de pedagogos do gênero masculino na Educação infantil e nos três primeiros anos da alfabetização no momento de inserção na docência. Foram realizadas entrevistas com professores iniciantes/ingressantes do gênero masculino, tanto temporários como efetivos, com experiência de até 5 anos na educação infantil ou na alfabetização no contexto da rede pública do Distrito Federal. Os resultados indicaram a presença de contradições no processo de construção da profissionalidade docente desses professores, em especial, o papel do docente masculino vinculado a uma função de autoridade atribuída à posição de gênero; dificuldades na prática considerando a dimensão do cuidar-educar ; e a necessidade de o professor tem que provar tanto ser apto tanto por ser iniciante quanto por ser docente masculino nesses níveis de ensino, geralmente assumidos por mulheres. É discutida a importância da compreensão do trabalho docente a partir da dimensão analítica da profissionalização e sua relação histórica e social com a perspectiva dos estudos de gênero, assim como a necessidade de se superar a visão patriarcal e capitalista, por meio de um trabalho consciente e de resistência buscando transformações e reconstruções de significados a respeito das concepções hegemônicas que reproduzem as relações de poder e de gênero.

A pesquisa de Aguiar Jr. (2017), denominada de **“Professores de Bebês: elementos para a compreensão da docência masculina na educação infantil”**,

focaliza creches e jardins de infâncias e analisa a visão de professores sobre o que acontece nas escolas de educação infantil que têm professores do sexo masculino. De caráter quanti-qualitativo, a pesquisa foi direcionada aos 170 professores que compõem os Centros de Educação Infantil da rede municipal de São Paulo, porém contou com 24 participantes que responderam um questionário. Os resultados apontam que: o sistema educacional não está preparado para receber esses profissionais, pois há falta legislação específica, orientação e acolhimento a esses profissionais); há conflitos decorrentes do gênero do docente na esfera pessoal (como por exemplo, orientação sexual, conduta em sala e conduta social); há questionamentos e desconfianças relativas à competência profissional de homens para atuarem na educação de bebês e que existem pouca produção científica voltada para essa temática. Os professores observam que as colegas de trabalho, em geral, reforçam o discurso de que o homem (professor) é mais disciplinador que a mulher. Sobre as situações vivenciadas pelos professores masculinos nas CEI's, pode-se verificar: a existência de discriminação por toda a comunidade escolar; um longo período de adaptação e um percentual de aceitação estável quando os pais já conhecem o profissional; diferenças na formação e na vivência – homens vistos como geralmente mais práticos e que conhecem brincadeiras diferentes, relatos de rejeição, relações de competitividade entre pares e o estabelecimento de uma relação de confiança de forma gradual com as famílias. O autor ressalta a importância de se discutir a inserção dos docentes masculinos como forma de romper com visões superficiais e discriminatórias.

Silva (2015), no estudo intitulado “**A presença de homens docentes na educação infantil: lugares (des)ocupados**” objetiva analisar as implicações da presença de homens docentes na Educação Infantil, considerando e problematizando as relações de gênero constituídas por dimensões sociais, históricas e culturais. Foram entrevistados dois professores homens que atuavam na rede pública do Município de Natal-RN. Por meio da construção de quatro eixos de análise, o autor aponta que: a) no cotidiano escolar são percebidas representações discursivas do homem enquanto ser “perigoso”, “poderoso” e “respeitado”, o que favorece a perpetuação de relações histórica e culturalmente estabelecidas entre a figura masculina e as imagens de autoridade; b) a polarização do binômio homem-mulher e os diversos significados relativos às questões de gênero; c) a necessidade de afirmação da heterossexualidade dos docentes masculinos pelos entrevistados e associação da heterossexualidade (apontada por outros profissionais da escola) com o ofício de educar; d) a existência de lacunas na formação inicial e continuada de educadores infantis, considerando que os

cursos tendem a não considerar a inserção dos profissionais masculinos nesse nível de ensino. O autor conclui enfatizando a importância de se desnaturalizar estereótipos de gênero nas escolas de Educação Infantil e de se resistir às imagens culturais e historicamente atreladas ao papel de homens e mulheres.

A dissertação de Pereira (2012), denominada “**Professor homem na educação infantil: a construção de uma identidade**” visa compreender a construção da identidade do professor-homem na Educação Infantil, a partir da perspectiva de gênero como categoria analítica, em contextos de creches e pré-escolas da rede municipal de ensino da cidade de Guarulhos-SP. Por meio de entrevistas com cinco professores homens, a autora procurou conhecer suas trajetórias e histórias de vida como docentes. Os resultados encontrados apontam que a identidade do professor homem está em processo de construção, considerando-se as políticas e as mudanças existentes na área da Educação Infantil. A autora ressalta e discute a existência de uma visão de masculinidade hegemônica que ainda permanece e se traduz especialmente no binarismo (masculino e feminino) presentes nas representações e nas práticas cotidianas, incluindo as verificadas nas escolas, que são culturais e históricas.

A pesquisa de Gomides (2014), sob o título de “**Transitando na fronteira: a inserção de homens na docência da Educação Infantil**”, focaliza os estranhamentos e atravessamentos que os profissionais de pedagogia do sexo masculino enfrentam no ambiente escolar. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com estudantes, coordenadoras e professoras. Os resultados apontam que existe uma dificuldade em conceber o masculino (a ideia de homem atrelada à força, virilidade, violência, agressividade), ocupando um lugar de cuidado afetivo, íntimo e que pode ser visto como uma ameaça ou como um risco de violência sexual para crianças. O autor discute que apenas com muito diálogo, será possível desmistificar estereótipos, diminuir tensões e romper fronteiras para conscientizar toda a comunidade docente a fim de entender o papel do professor masculino na educação infantil e assim buscar transformar a realidade vigente.

Ruis (2015), em seu estudo intitulado “**Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil**”, objetiva investigar como as relações e representações de gênero são expressas por meninas e meninos, professor e professora no cotidiano de uma escola municipal de Educação Infantil. Usando uma abordagem qualitativa, a autora fez observações em salas de aula, focalizando práticas e interações entre professores e crianças, utilizou estratégias lúdicas para coleta de informações com as crianças e realizou entrevistas com os docentes (um professor e uma professora). Os

dados obtidos apontam para a existência de um entrelaçamento das vozes dos sujeitos envolvidos revelando modos de ser menino e menina, professor e professora, em suas ações e interações no contexto escolar, que ultrapassaram os padrões de feminino e de masculino esperados. A autora discute a presença de falhas ou lacunas na formação docente no que se refere às questões de gênero, sexualidade, diversidade e Educação Sexual, bem como considera fundamental a reflexão dos professores sobre a prática profissional e a escuta das crianças a fim de respeitar suas diferenças e preferências.

O trabalho de Moreno (2017), denominado “**Professores homens na educação infantil do município do Rio de Janeiro: vozes, experiências, memórias e histórias**”, busca conhecer e compreender como as trajetórias de vida se relacionam com as escolhas da docência relacionada à Educação Infantil, visando também perceber como a memória e as experiências contribuíram para o desenvolvimento da identidade profissional desses docentes. A partir da abordagem qualitativa, usando a metodologia das Histórias de Vida atreladas às entrevistas, a autora realizou entrevistas com 15 docentes homens vinculados a diferentes contextos escolares da rede pública de ensino da cidade do Rio de Janeiro. A autora discute que os docentes entrevistados vivenciam suas masculinidades de forma subjetiva e pessoal, possibilitando a experiência de diferentes aspectos e visões de masculinidade em seu cotidiano, apresentam, por meio dos relatos, ter diferentes caminhos e motivações para a atuação na Educação Infantil e indicam situações como estranhamento e percepções (de outras pessoas) que tendem a subestimar sua atuação profissional. Considera que o estudo possibilitou a compreensão de aspectos relevantes sobre a constituição da identidade docente e que os professores participantes romperam com uma associação da docência relacionada à Educação Infantil como uma vertente unilateralmente feminina.

Mendonça (2016), na pesquisa denominada “**Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de educação infantil: alguns elementos para compreensão**”, procura investigar as condições que atravessam a docência e o trabalho gestor de profissionais homens em uma escola de Educação Infantil da rede pública de São Paulo. A investigação se configura como uma pesquisa qualitativa do tipo analítico-descritiva que, por meio da realização de entrevistas, buscou conhecer a visão que a equipe técnica, corpo docente e responsáveis (mães e pais) de estudantes de uma escola de educação infantil tem sobre a presença de professor e diretor homens nesse contexto. Os resultados obtidos indicam que a presença de homens num espaço majoritariamente feminino possibilita a problematização e o rompimento com o discurso e práticas sexistas e dos papéis sociais de gênero na escola e discutem a importância dessa

participação na superação da organização do trabalho com base no gênero dos profissionais.

A partir da descrição dos trabalhos identificados na revisão, verificou-se o predomínio do uso de abordagens metodológicas e estratégias qualitativas em pesquisa sobre o tema na literatura da área educacional, abrangendo entrevistas e histórias de vida, sendo encontrado apenas um estudo de revisão bibliográfica. Outro aspecto importante é que a maioria dos estudos focalizou as condições relativas à inserção do docente masculino e poucas abordaram temas mais específicos como identidade (PEREIRA, 2012) e a construção da profissionalidade desse professor (SOUZA, 2017).

Ademais, foi possível reconhecer aspectos similares apontados nos diversos trabalhos analisados nesta pesquisa, que tem início na ideia da feminização do magistério e, por conseguinte, na existência de uma sociedade onde as perspectivas hegemônicas de gênero prevalecem e perpetuam no mercado de trabalho, na escola, nos valores éticos e morais. São expostas semelhanças no que se refere ao estranhamento sobre a presença do docente masculino nas escolas de Educação Infantil e com relação à desconfiança dos diversos membros da comunidade escolar sobre a atuação deste profissional no ofício de educar-cuidar de crianças pequenas.

As práticas de cuidados com as crianças se configuram como um aspecto preocupante, visto que esse profissional, não raramente, foi percebido como um possível abusador, o que se constitui como uma representação social preconceituosa e discriminatória acerca do professor homem que infelizmente se perpetua em nossa sociedade.

Outro aspecto recorrente nas indicações ou conclusões dos estudos é a necessidade de mudanças e reconstruções de significados no tocante às concepções hegemônicas que reproduzem as relações de poder e de gênero. Houve uma certa unanimidade, evidenciada nas pesquisas analisadas, acerca da relevância da desnaturalização de estereótipos de gênero nas escolas de Educação Infantil, buscando-se superar o binarismo historicamente atrelado ao papel de homens e mulheres na sociedade e na escola.

Entende-se que a presença do docente masculino na Educação Infantil é fundamental para se lutar pela ruptura dos padrões de comportamento sexistas e de estigmas que ainda permeiam o imaginário social quanto à atuação do professor homem no trabalho junto a crianças pequenas. Nota-se assim, a importância da reflexão e do debate na escola em uma tentativa de se buscar estratégias que superem percepções

superficiais e preconceituosas sobre a presença do docente masculino no referido nível de ensino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns estudos analisados apontaram a falta de políticas voltadas para o acolhimento e a orientação do docente masculino que atua na Educação Infantil. Todavia, já existem propostas oficiais, como por exemplo no Estado de São Paulo, que vão na contramão de posições críticas e que visam reforçar padrões sexistas e preconceituosos sobre a atuação desse profissional junto a crianças pequenas.

De acordo com a revisão bibliográfica realizada, foi possível identificar reflexões e proposições referentes às especificidades do docente masculino nas relações em sala de aula. O primeiro ponto a ser mencionado é com relação ao binarismo da sexualidade humana (homem e mulher), pois é notório que o comportamento de um homem e de uma mulher foi construído historicamente baseado nas relações patriarcais e o embasamento usado para dar sustentabilidade a essa perspectiva varia entre: religião, costumes, valores, política e capital econômico.

Percebeu-se que a atuação do docente masculino na educação infantil é fundamental para a ruptura de visões tradicionais e preconcebidas quanto ao homem realizar atividades de cuidado que, em geral, são atribuídas à mulher.

Assim, proibir ou discriminar o homem de exercer essa função é reforçar a construção histórica do gênero de que homens devem exercer funções de comando e onde não possam demonstrar afetividade e relações de cuidado e de ensino com crianças. Portanto, entende-se que é através da educação que as crianças terão modelos de conduta e aprenderão a respeitar as diferenças fazendo com que a educação rompa com conceitos e padrões de comportamento arcaicos e lide com questões de gênero de forma crítica, conscientizando as famílias e transformando a sociedade vigente.

Como futuro docente masculino, concluinte do curso de pedagogia, percebo com preocupação as tentativas do governo em instruir as crianças pela perspectiva conservadora e proibir os docentes masculinos no cuidado das mesmas, reforçando estereótipos de gênero e inibindo a atuação desse profissional.

É preciso que as políticas públicas acolham esse profissional, garantam a sua integridade e autonomia e conscientizem que o gênero não influencia na capacidade do docente em realizar o ofício de cuidar-educar com qualidade. Bonifácio (2019) é extremamente preciso ao ressaltar: “O quanto as marcas do machismo imperam na

profissão e acabam definindo dinâmicas do trabalho docente? O quanto as marcas do machismo acabam interferindo nas dinâmicas de atribuição de aula, classe, de organização do trabalho pedagógico, de atribuição de cargos e tarefas?

Em meio a diversas perguntas, encerro meu ciclo de aprofundamento teórico com a música de Milton Nascimento (1995): “Há um passado no meu presente, o sol bem quente lá no meu quintal, toda vez que a bruxa me assombra, o menino me dá a mão”; que as transformações da sociedade possam garantir que o docente masculino exerça sua profissão de forma respaldada e garantida para um ensino mais democrático e aberto a todos.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *“História Social da Criança e da Família”*. Tradução: Dora Flaksman, Editora: Guanabara, 2ª edição, 1986.

AGUIAR JÚNIOR, Josué Durval. *“Professores de bebês: Elementos para a compreensão da docência masculina na educação infantil”*. Dissertação apresentada para o programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade, da PUC-SP, 2017.

APPLE, M. W. *“Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de Gênero em Educação”*. Editora Artes Médicas. Porto Alegre. 218 p. 1995.

\_\_\_\_\_. *“Ensino e trabalho feminino: uma análise comparativa da história e da ideologia”*. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº 64, 1988, p. 14-23.

BADINTER, Elisabeth. *“XY: sobre a identidade masculina”*. Tradução: Maria Ignez Duque Estrada – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BASSETE, Fernanda (Agência Estado). *“Brasil tem 5,5 milhões de crianças sem pai no registro”*. Revista Exame 2013. Fonte: <<https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-tem-5-5-milhoes-de-criancas-sem-pai-no-registro/>>. Acesso: 17/01/2020 às 22h21 min.

BEAUVOIR, Simone de. *“O segundo sexo”*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONIFÁCIO, Gabriel Hengstemberg. “*A profissionalização do docente masculino da educação infantil, inserção, estabilidade e atravessamentos*”. Dissertação para o programa de pós-graduação UFSCar Sorocaba, 2019

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino e ORIANI, Valéria Pall. “*Relações de gênero na escola: feminilidade e masculinidade na Educação Infantil*”. Artigo publicado na Revista Educação Unisinos na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, p. 145-154, São Leopoldo, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação Básica. “*Brinquedos & brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica*”. Brasília, 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. “*Portal do MEC sobre a Educação Infantil*”. Todos os direitos reservados. Desenvolvimento: DTI-MEC 2019. Fonte: <http://educacaointegral.mec.gov.br/educacao-infantil>. Acesso em: 29/10/2019 às 12h13min.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação: Secretária de Educação Básica - SEB. “*Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (vol.1 e 2)*”, 2006.

CAMPOS, Maria M.; GROSBaum, Marta; PAHIM, Regina; ROSEMBERG, Fúlvia. “*Profissionais de creche*”. Cadernos do Cedes, n. 9, p. 39-66, 1991.

CARVALHO, Rodrigo Saballa. “*Análise do discurso das diretrizes curriculares nacionais de educação infantil: currículo como campo de disputas*”. Artigo em Educação (Porto Alegre, impresso), v. 38, n. 3, p. 466-476, set.-dez. 2015

COSTA, Jurandir Freire. “*Ordem médica e norma familiar*”. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

CUNHA, Márcia Borin da, GIORDAN, Marcelo. “*Pesquisas de Percepções e concepções de Ciência e a necessidade de um referencial teórico*”. 33ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. Águas de Lindóia, São Paulo, 2010.

EWBANK, Thomas. “*A Roda dos Expostos*” 1845. Museu de Imagem & História. UnoparVirtual.Fonte:<[http://www.unoparead.com.br/sites/museu/exposicao\\_cotidiano/expostos.html](http://www.unoparead.com.br/sites/museu/exposicao_cotidiano/expostos.html)>. Acesso em: 17/04/2019 às 20h51min.

FACCHINI, Regina. “*Feminismos e estudos sobre mulheres e gênero no Brasil: Um olhar a partir das articulações presentes na luta por creches*” In: TELES, Maria Amélia de Almeida; SANTIAGO, Flavio & FARIA, Ana Lúcia Goulart (Orgs.). “*Por que a creche é uma luta das mulheres? Inquietações femininas já demonstram que as crianças pequenas são de responsabilidade de toda a sociedade*”. São Carlos-SP: Editora Pedro & João, 2018.

FALK, Judit. “*Educar os três primeiros anos: a experiência de Loczy*”. São Paulo: Junqueira e Marim, 2011.

FIGUEIREDO FILHO, Dalson Britto *et al.* “*O que é, para que serve e como se faz uma meta análise?*” Teoria e Pesquisa: Revista de Ciência Política, São Carlos, v. 23, n. 2,p.205- 228, set. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/H8CQ24>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

GAGLIOTTO, Gisele Monteiro. “*A Educação sexual na escola e a pedagogia da Infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias*”. Tese de Doutorado da Unicamp da Faculdade de Educação, Campinas, 2009.

GAMBIRASIO, Giorgio. “*A evolução do machismo*”. São Paulo: Ed. do Autor. 2005.

GATTI, Bernadete. “*A atratividade da carreira docente no Brasil. Estudos e Pesquisas Educacionais*”. Fundação Victor Cevita. SP, 2009.

GIACON, Camila Gomes. “*Gênero na Educação Infantil: Uma revisão da literatura em periódicos científicos*”. Trabalho de conclusão de curso em pedagogia da UFSCar Sorocaba, 2019.

GIL, Antonio Carlos. *“Métodos e Técnicas de Pesquisa Social”*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. *“Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento humano”*. Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p.397-411, mar. 2014. Trimestral. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/41542/28358>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

GOMIDES, Wagner Luis Tavares. *“Transitando na Fronteira: A inserção de homens na docência da educação infantil”*. Dissertação de Pós-graduação na Universidade Federal de Viçosa, 2014.

GONÇALVES, Renata. *“A História das Creches”*. Monografia Brasil Escola – Rede Omnia. Fonte: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-historia-das-creches.htm>>. Acesso 05/09/2019 às 15h30 min.

JAEGER, Angelita Alice e JACQUES, Karine. *“Masculinidades e Docência na Educação Infantil”*. Estudos Feministas, Florianópolis, 545-570, 2017.

JENSEN, J. J. *“Homens em serviços de cuidados de crianças”* – um artigo para discussão in: Seminário Internacional Homens no cuidado de crianças: visando uma cultura de responsabilidade, divisão e reciprocidade entre os gêneros no cuidado de crianças, Ravenna, Itália – 21-22 de maio de 1993 (Traduzido por Deborah Thomé Sayão).

LARA, Ângela Mara de Barros; SHIMADA, Natalie Mitie. *“A função da educação infantil na sociedade contemporânea brasileira”*; 2005, Iniciação Científica (Graduando em CNPQ-PIBIC) - Universidade Estadual de Maringá, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

MANDURUKU, Daniel. *“Tempo, tempo, tempo”*. Unicamp: Faculdade de Educação. Revista de Divulgação Científica Coletiva, Coluna: Educação & Diferenças. Nº01, junho de 2018.

MARCILIO, Maria Luiza. *“A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil 1726-1950”*, Editora Cortez, 2003, SP, pág.: 66; in: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *“História social da infância no Brasil”*. 5. ed., *“A roda dos expostos origens”*, rev. e ampliada São Paulo: Cortez, 2003.

MENDONÇA, Michelle Mariano. *“Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de educação infantil: alguns elementos para compreensão”*. Dissertação de Mestrado em Educação: História, Política & Sociedade da PUC, 2016.

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. *“Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação”*. Cadernos de pesquisa v.44, nº153, p.720-741, 2014.

MORENO, Rodrigo Ruan Merat. *“Professores homens na educação infantil do município do Rio de Janeiro: vozes, experiências, memórias e histórias”*. Dissertação de Mestrado em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, 2017.

MOURA, Aline Alencar S; GONÇALVES, Roziane dos Santos; LIMA, Valéria Assunção. *“A Importância da Educação Infantil para o Amplo Desenvolvimento da Criança”* em Só Pedagogia. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2011. Fonte: <<http://www.pedagogia.com.br/artigos/desenvolvimentodacrianca/index.php?pagina=>>. Acesso em: 19/09/2019 às 13h06 min.

NASCIMENTO, Milton; BRANT, Fernando. Música: *“Bola de meia, bola de gude”*. CD amigo, Gravadora: WEA, 1995.

OLIVEIRA, Z. de R. de. *“O currículo na educação infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais?”* Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

OLIVEIRA, Z. de R. de. *“Crianças, faz de conta & Cia”*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado & MACHADO, Maria Cristina Gomes. “*A História da Educação Infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional*”. Artigo desenvolvido na UEM pela revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.33, p.78-95, Março de 2009.

PEREIRA, Maria Artete Bastos. “*Professor homem na educação infantil: a construção de uma identidade*”. Dissertação de Mestrado em Educação e Saúde da Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2012.

RAMOS, Joaquim. “*Um estudo sobre os professores homens da Educação Infantil e as relações de gênero na Rede Municipal de Belo Horizonte – MG*”. Belo Horizonte, 2011. Dissertação de Mestrado. PUC/MG.

\_\_\_\_\_ “*Gênero na Educação Infantil: relações (im)possíveis para professores homens*”. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. 176 p.

ROCHA, Cesar Moreira. “*Homens podem ensinar crianças pequenas? A experiência masculina de ensino nas etapas iniciais da educação*”. Trabalho de conclusão de curso para obtenção de licenciando em Educação Física na Unicamp, apresentado ao COPEDI, 2012.

ROLDÃO, Maria do Céu. “*Função Docente: natureza e construção do conhecimento profissional*”. In: Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro – RJ: Anped, v.12, nº 34, 2007.

ROSEMBERG, Fúlvia. “*O movimento de mulheres e a abertura política do Brasil – O caso creche. Caderno de Pesquisa*”. São Paulo: FCChagas, nº 51, 1984, p.73-79

ROSEMBERG, Fúlvia; MALTA CAMPOS, Maria M.; HADDAD, Lenira. “*A rede de creches no município de São Paulo*”. São Paulo: DPE/FCChagas, 1991.

ROTHER, Edna Terezinha. “*Revisão sistemática X revisão narrativa*”. Acta paul. enferm., São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, Jun. 2007 <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002007000200001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 Abr. 2019.

RUIS, Fernanda Ferrari. *“Ser menino e menina, professor e professora na Educação Infantil: um entrelaçamento de vozes”*, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2015.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. *“Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana – São Paulo”*: SME, 2015.

\_\_\_\_\_. Secretaria Municipal de Educação. *“Currículo Integrador da Infância Paulistana – São Paulo”*: SME, p. 62, 2015.

\_\_\_\_\_. *“Projeto de Lei nº 1174/2019”*. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Secretaria Geral Parlamentar. Sistema de Processo Legislativo. Fonte: <<https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000292074>>. Acesso em: 05/05/2020 às 20h53min.

SAYÃO, Deborah Thomé. *“Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: um estudo de professores em creches”*. 2005. 273 f. Tese de doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales. *“Sobre a docência masculina na educação infantil”*. Resenha publicada em forma de artigo na Revista Zero-a-Seis (revista eletrônica editada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa de Educação na Pequena Infância), pág. 264-269, 2018.

SILVA, Bruno Leonardo Bezerra da. *“A presença de homens docentes na educação infantil: lugares (des)ocupados”*. Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015

SILVA, Peterson Rigato da. *“Não sou tio, nem pai, sou professor!: a docência masculina na educação infantil”*. Dissertação em Mestrado em Educação da Unicamp, Campinas, 2014.

SOUSA, José Edilmar. *“Homem docência com crianças pequenas: o olhar das crianças de um centro de educação infantil”*. Agência Financiadora – CNPq: 37ª Reunião Nacional da ANPED – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

SOUZA, Fernando Santos. *“A construção da profissionalidade docente do pedagogo do gênero masculino iniciante/ingressante na educação infantil e na alfabetização”*. Dissertação de Mestrado em Educação da Universidade de Brasília, 2017.

VIANNA, Claudia Pereira. *“A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente”*. Biblioteca Digital da Produção Intelectual – BDPI da Universidade de São Paulo, p. 164.

WASELFISZ, Julio Jacobo. *“Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil”*. 1ª edição, Brasília -DF, 2015.

YANNOULAS, Silvia. *“Feminização ou Feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria”*. Temporalis, Brasília (DF), ano 11, nº 22, p.271-292, jul/ dez. 2011.